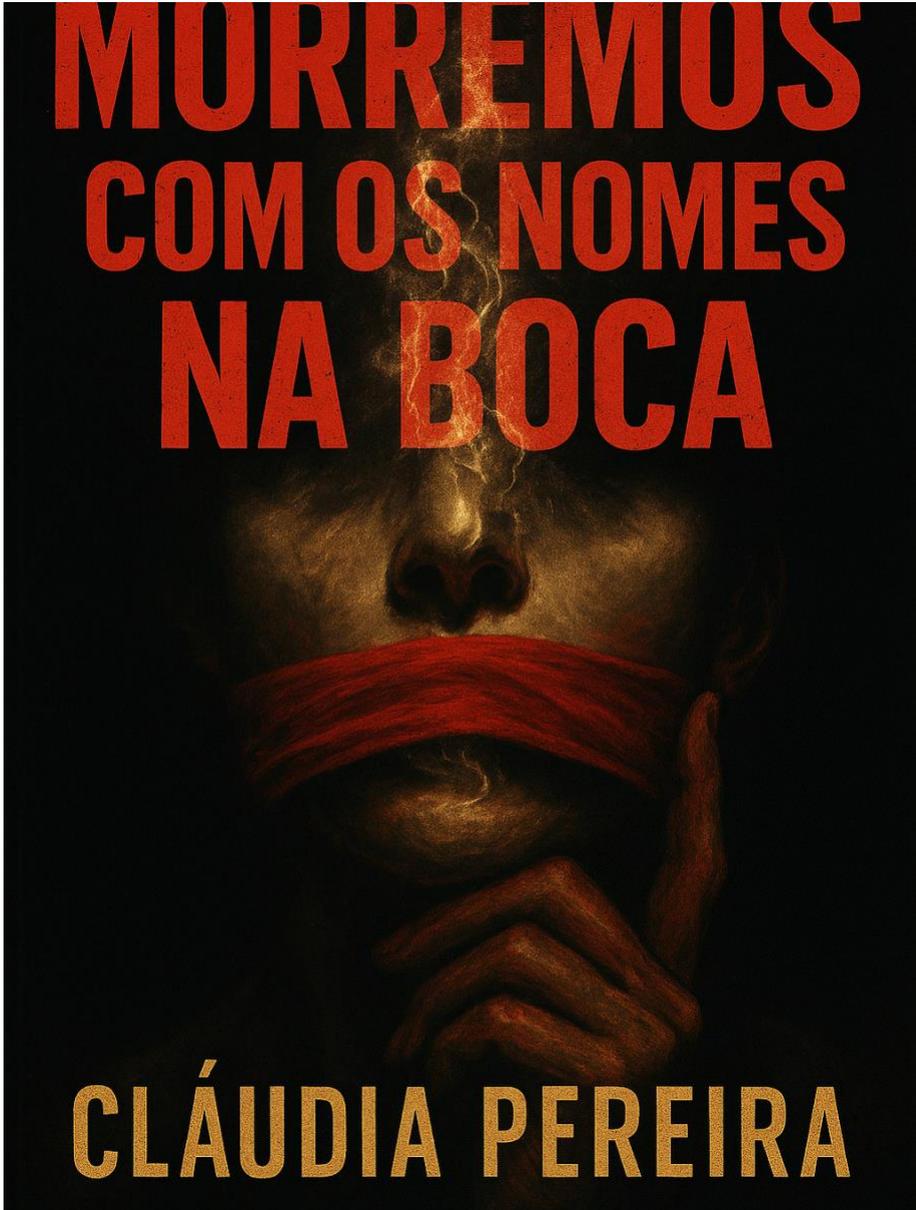


**MORREMOS
COM OS NOMES
NA BOCA**



CLÁUDIA PEREIRA

Dedicatória

Para todos os que já foram silenciados, pelas palavras que não disseram, pelos passos que não deram, pela coragem que o medo abafou.

Para os que sobreviveram sem fazer barulho.

E para os que já não estão, mas deixaram ecos.

Este livro é para vocês.

E para mim, porque um corpo em silêncio ainda assim...grita.

Nota da Autora

Escrever este livro foi, para mim, um ato de memória.

Não de datas, nem de factos, mas de sensações.

De dores que não são só minhas.

De silêncios que reconheci noutras vozes.

De nomes que nunca ouvi, mas senti.

Alina nasceu de um sopro. Mas cresceu como raiz.

E com ela, cresceu também Dimitri, não como salvador, mas como presença.

Como espelho de tudo aquilo que escolhemos proteger quando o mundo se torna perigo.

Esta história não é sobre vencer.

É sobre resistir. Sobre lembrar. Sobre continuar mesmo quando o chão já não responde.

Cada linha escrita aqui foi uma tentativa de honrar o que é verdadeiro, mesmo dentro da ficção.

Se te tocou de alguma forma, então ela já encontrou morada.

Obrigada por teres caminhado comigo até aqui. Mesmo em silêncio, estiveste presente.

Com amor,

Cláudia Pereira.

Prólogo

No início, havia só o corpo.

Depois veio o silêncio. E por fim... o gesto.

Ela dançava porque não sabia gritar.

Quando aprendeu a gritar, já tinha entendido que o mundo só escutava quando o corpo tremia diante dos olhos certos.

Alina nunca quis ser símbolo.

Queria apenas continuar viva.

Mas quando descobriu que a verdade tinha sido enterrada sob nomes, sob ordens, sob medalhas... ela soube que dançar já não era arte.

Era a resposta.

Era arma.

Era sobrevivência.

Dimitri não a conheceu num palco.

Conheceu-a num lugar onde ninguém a via.

E mesmo assim, ficou.

Ficou quando era mais fácil partir.

Ficou quando era mais seguro esquecer.

Este não é um conto sobre heróis.

Nem sobre mártires.

É uma história sobre vozes que não puderam falar.

Sobre corpos que disseram o que os tribunais não quiseram ouvir.

Sobre os nomes que arderam para que outros pudessem respirar.

Se estás a ler isto, já sabes como termina.

Mas talvez, só talvez, a última página não seja o fim.

Talvez... seja só o eco do primeiro passo.

Capítulo 1 Sussurro de São Petersburgo

O som dos violinos preenchia o ar gelado do Teatro Mariinsky, como se cada nota derretesse lentamente o gelo que cobria as ruas de São Petersburgo. Lá dentro, o calor do público contrastava com a frieza do olhar que a observava na terceira fila, um homem de fato escuro, imóvel, como uma sombra no meio da plateia.

Alina Mirova dançava com a precisão de que nasceu entre espelhos e dor. Os seus pés, pareciam flutuar no palco, mas por dentro, cada movimento era uma batalha contra a ansiedade que aquele olhar causava. Ela já o tinha visto antes. Nunca com clareza.

Sempre ali, entre os rostos comuns, uma presença constante, silenciosa e ameaçadora. O último giro foi seguido pelo cair da cortina.

Respiração ofegante, o suor misturado com a base da maquilhagem. Atrás do pano, os aplausos ainda ecoavam quando alguém lhe entregou uma rosa. Negra.

E presa ao caule da flor, um pequeno bilhete escrito à mão:

“Rua Nevsky, 122 – Às 23h. Só. D. V.”

Ela não precisava de muito esforço para entender quem era o remetente. O seu estômago revirou-se.

Nunca ninguém lhe dissera diretamente o nome dele, mas na Rússia, certos nomes sussurram em vez de falar.

Dimitri Volkov.

Na sala de camarins, Alina tirou o figurino em silêncio. O som metálico dos ganchos da sapatilha soava como estalos de gelo. Irina, a sua colega de dança e melhor amiga, entrou sem bater.

- Ele esteve aqui de novo, não foi? - perguntou Irina, observando a flor na bancada.

Alina assentiu com um gesto quase imperceptível.

- Vais?

- Não sei. Se eu não for... ele virá.

Irina fechou os olhos, como se desejasse não entender tão bem o peso daquelas palavras.

A rua Nevsky estava quase deserta quando o relógio marcou 23h. A neve caía em silêncio, cobrindo os carros estacionados como fantasmas inertes. Alina manteve as mãos nos bolsos do casaco comprido, tentando proteger os dedos do frio — e do medo.

O endereço levava a um antigo restaurante desativado. As portas estavam entreabertas. Uma única vela acesa sobre a mesa revelava um homem sentado à sua espera. Alto, cabelos castanhos penteados para trás, e os mesmos olhos cinzentos que a seguiam há semanas.

- Alina – disse ele, como se já fossem velhos conhecidos. - Senta-te. Não temos muito tempo.

- Por quê eu?

- Porque dançaste com o coração de alguém que perdeu tudo, porque estás envolvida quer queiras ou não.

Ela não sabia o que era mais perturbador: o tom calmo com que ele falava ou a forma como parecia conhecer sua alma.

- O que queres de mim?

Dimitri inclinou-se para a frente. Os seus olhos brilhavam com algo entre curiosidade e compaixão.

- Quero que sobrevivias.

Naquela noite, Alina não dormiu.

Enquanto olhava para o teto do seu pequeno apartamento, as palavras dele martelavam dentro de si.

Aquela rosa negra. Aqueles olhos. Aquela ameaça disfarçada de proteção.

Não sabia ainda, mas aquela seria a primeira de muitas noites em que o sono seria substituído por silêncio e medo. E, eventualmente, por desejo.

A máfia russa tinha escolhido seu próximo peão. Mas o coração de uma bailarina pode virar a dança de um império.

A manhã seguinte nasceu envolta por uma névoa densa, como se o próprio céu tivesse dúvidas sobre o que revelar. Alina caminhava pelas margens congeladas do rio Neva, tentando clarear os pensamentos. Passos cautelosos, cada um ecoando o peso de uma noite que parecia ter reescrito o rumo da sua vida.

Na sua mente, a frase dele ainda martelava com força:

“Quero que sobrevivias.”

Mas sobreviver a quê? Ao mundo dele? À cidade? A ela mesma?

No teatro, tudo parecia igual. Os espelhos estavam limpos, os ensaios começavam às nove, os sorrisos entre bailarinas eram forçados como sempre. Mas ela sabia: nada era mais o mesmo.

Irina aproximou-se durante o aquecimento.

- Disseste-lhe “não”? - perguntou num sussurro.

Alina hesitou antes de responder.

- Eu... não consegui dizer nada. Só escutei.

- Isso é o mesmo que dizer “sim”, Alina. E sabes disso.

Naquela tarde, Alina recebeu um envelope deslizando discretamente por debaixo da porta de seu camarim. Dentro, havia uma fotografia: ela, do lado de fora de casa, no dia anterior.

E um novo bilhete:

“Hoje às 21h. Teatro abandonado da Ilha Vasilievsky. Leva o casaco vermelho.”

O sangue fugiu-lhe do rosto. Não era apenas uma escolha. Era vigilância. Era controlo.

Era o começo.

Às 21h, ela estava lá.

O teatro antigo, coberto por vegetação congelada e com o letreiro em ruínas, parecia o cenário de um pesadelo. Mas havia algo solene ali também, como se memórias se escondessem nas paredes rachadas.

Dimitri esperava de pé no palco antigo, com as mãos cruzadas atrás das costas. Havia algo no modo como ele olhava o espaço, como se respeitasse os mortos invisíveis daquele lugar.

- Obrigado por vires. - disse, quando ela finalmente aproximou-se.

- Eu não tive muita escolha, tive?

Ele sorriu de lado.

- Não. Mas ainda assim vieste.

Alina aproximou-se lentamente.

- Isto é um teste?

- É um aviso. E uma proposta.

Ela ergueu o queixo, desafiadora.

- Então diz logo o que queres.

Dimitri deu um passo na sua direção.

- Quero que dances. Aqui. Para mim.

O pedido desarmou-a. Ele não queria sangue. Nem favores. Nem informações. Queria... arte?

- Por quê?

- Porque neste mundo... há muito tempo que não vejo algo puro.

A voz dele vacilou no fim da frase. Pela primeira vez, Alina viu algo frágil atrás da frieza de Dimitri Volkov.

Sem saber exatamente porquê, ela tirou o casaco vermelho, posicionou-se no centro do palco, e começou a dançar.

Sem plateia. Sem luzes. Só os dois.

O frio mordida os dedos dos pés. O eco dos passos perdiam-se nas paredes partidas. E ainda assim, havia beleza ali. E dor. É algo que nem ela sabia nomear.

Quando terminou, ofegante, ele apenas murmurou:

- És mais perigosa do que imaginas.

Na volta para casa, com a respiração visível no ar, Alina percebeu que estava dentro de um jogo. Um em que não conhecia as regras, nem os jogadores. Só sabia que já não era possível sair.

E no fundo de si, odiava admitir, mas algo nela... estava viva como nunca.

O calor do apartamento era escasso, mas familiar. Alina sentou-se no chão, de costas para a parede, abraçando os joelhos. A cidade dormia lá fora, mas dentro dela, tudo estava desperto, as memórias da dança, os olhos de Dimitri fixos nela, o vazio que se enchia lentamente com algo novo.

Algo perigoso.

Ela pegou o telemóvel. Nenhuma mensagem de Irina. Nenhum aviso.

Nenhuma garantia.

Pela primeira vez em anos, desejou que alguém lhe dissesse o que fazer. Mas tudo o que tinha era silêncio... e um novo bilhete, desta vez escondido no bolso do casaco que deixara no teatro: “Agora estás marcada. Dançaste para mim. E para eles. Protege quem amas. D.V.”

"Para eles?"

Alina sentiu a espinha gelar.

Na manhã seguinte, Irina apareceu com expressão tensa.

- Alguém nos seguiu - disse, quase sem respirar.

Alina arregalou os olhos.

- Como assim?

- Um carro preto. Matrícula coberta. Dei voltas ao quarteirão antes de vir. Eles querem que saibamos. O medo virou no seu peito.

- Irina... achas que ele está a usar-me?

A amiga hesitou. Depois assentiu devagar.

- Sim. Mas também está a proteger-te.

O problema é que no mundo dele, proteção e manipulação são a mesma coisa.

Mais tarde, no ensaio geral para a nova temporada, Alina tentou-se concentrar. Mas os movimentos estavam duros, desconectados. O corpo dançava, mas a mente estava nas sombras. Um dos diretores aproximou-se, irritado.

- Alina, se continuares assim, substituo-te.

Ela não respondeu. Porque no fundo, já sabia que o palco não era o lugar mais perigoso em que ela pisaria.

Naquela noite, voltou a receber instruções. Agora por mensagem, sem número, sem identificação:

“Vem até à Ponte da Tristeza. 22h. Sozinha. Usa vermelho.”

Ela pensou em ignorar. Mas o medo por Irina... e por si mesma... era maior do que a raiva.

A ponte era conhecida por suicídios. Por amores perdidos. Por cartas deixadas ao vento.

Ela caminhou até o centro e viu-o ali, parado como uma estátua de pedra.

Dimitri.

- Porque brincas comigo? - ela perguntou, com voz firme.

Ele virou-se lentamente, tirando as mãos dos bolsos.

- Isto não é um jogo, Alina. Se fosse, já terias perdido.

Ela avançou um passo.

- Então por que me envolvereste?

- Porque te vi antes de tudo. Antes do sangue. Antes da guerra interna. E vi que, podias ser a única coisa que ainda me impede de me tornar totalmente como eles.

O vento cortou entre os dois. E, num impulso que ela própria não entendeu, Alina aproximou-se mais e tocou no braço dele.

- E se eu já não puder sair?

Dimitri a encarou com uma mistura de dor e aceitação.

- Então... dança. Mas desta vez, dança para sobreviver.

E foi assim que tudo começou: com um olhar na plateia, uma rosa-negra, e um convite para a morte disfarçado de paixão.

Na Rússia, ninguém dança com a máfia sem pagar o preço.

E Alina estava prestes a descobrir o quanto valia a liberdade... Ou o quanto custaria seu coração.

Três dias se passaram desde a noite da ponte.

O frio apertava. A neve caía como um manto de silêncio sobre a cidade, mas dentro de Alina, tudo era grito. Ela tentava manter a rotina, os ensaios, as coreografias. Mas os olhos procuravam sombras nos espelhos, passos nas ruas, reflexos em vitrines. A sensação de ser observada nunca a deixava.

Na saída do teatro, viu novamente o carro preto. Estacionado no mesmo ponto, vidros fumados. Aquilo já não era coincidência.

Decidida, aproximou-se.

O vidro desceu lentamente. Dentro, Yakov, o homem que vira ao lado de Dimitri na noite da ponte. Ele acenou com a cabeça.

- Boa tarde, Alina. Entra. Ele quer falar contigo.

Ela hesitou.

- Se não entrares, alguém mais pode ser chamado. E pode não ser tão, gentil quanto eu.

O tom era tranquilo, mas a ameaça estava nas entrelinhas.

Ela entrou.

O carro andou por ruas que Alina não conhecia. Prédios industriais, zonas abandonadas. Finalmente, pararam diante de um armazém discreto. Lá dentro, Dimitri a esperava, de pé, entre caixas de madeira e o som distante de um gerador.

- Tive que te trazer - disse ele sem rodeios. - Estás em perigo.

- Por tua causa!

- Sim. E por causa do que viste. Por causa de quem és.

Alina cerrou os punhos.

- Não vi nada! Só dancei!

- E isso foi o suficiente.

Dimitri caminhou até uma mesa e mostrou-lhe várias fotografias. Homens armados.

Um corpo no chão. Um nome escrito a caneta: General Mikhail Sidorov.

- Este homem morreu ontem. E tu estavas na lista dele. Sabes por quê?

Ela negou com a cabeça, mas o medo já estava alojado fundo.

- Ele viu-te dançar. Viu o bilhete que te dei. E deduziu que estavas comigo.

- Mas... eu não estou contigo!

- Estás. Queiras ou não.

O silêncio entre eles era espesso. Dimitri respirou fundo.

- A minha organização está em guerra. Interna. Alguns acham que me tornei fraco. Outros querem eliminar-me.

Estás no meio disto, Alina. E eu preciso saber se posso contar contigo.

Ela riu, nervosa.

- Eu sou uma bailarina. O que achas que posso fazer?

- Posso proteger-te.

Mas preciso que fiques por perto. Que aceites... dançar num evento. Um só.

Para os líderes. E fingir que estás comigo. Que és minha.

Ela afastou-se num passo.

- Isso é um espetáculo ou um sequestro?

Ele aproximou-se, firme, mas com um tom contido.

- É uma chance de viver. E de salvar quem ainda te rodeia.

De volta ao seu apartamento, Alina trancou a porta e caiu no chão. As lágrimas vieram sem aviso, quentes, silenciosas.

Dimitri tinha razão: ela já não podia sair. Mas pior do que a prisão era o desejo confuso que crescia dentro dela.

Não era só medo. Era o fascínio.

A atração pelo homem por trás da ameaça.

O vulto que a olhava da plateia, agora morava dentro dela.

Ela levantou-se, pegou o bilhete e queimou-o lentamente na chama do fogão. Mas o nome dele... esse já estava marcado na sua pele.

Dimitri Volkov.

E naquele momento, no escuro do apartamento, Alina soube: o coração que dança com a máfia, nunca mais bate da mesma forma.

Capítulo 2 – A Dançarina de Gelo

A cidade parecia suspensa entre o silêncio e o caos. São Petersburgo podia ser bela até quando gelava os ossos.

Talvez fosse por isso que Alina não conseguia fugir. Havia algo na frieza daquele mundo que refletia a solidão que sempre carregara dentro de si.

Na manhã seguinte ao encontro com Dimitri, Alina ensaiava sozinha. O palco vazio, o chão frio, os holofotes apagados. Os gestos eram calculados, mas sem alma. Como se a dança já não fosse sua.

O som do salto de um sapato ecoou pela plateia vazia. Ela parou.

Coração acelerado.

Irina apareceu entre as cortinas laterais, com os olhos inchados.

- Tens de parar com isto, Alina. Ele está a controlar-te.

- Eu sei - respondeu ela, olhando para as próprias mãos. Se eu parar, alguém morre. Talvez tu. Talvez eu.

Irina fechou os olhos.

- Esta não és tu.

Alina sorriu, amarga.

- Talvez eu nunca tenha sido eu.

Naquela noite, Alina recebeu instruções para um espetáculo privado no "*Baikal*", um dos clubes privados de Dimitri, frequentado apenas pela elite da organização.

O local era luxuoso, mas carregado de tensão. Cortinas vermelhas pesadas, tapeçarias antigas, seguranças armados com olhos frios. Um palco no centro, um espaço onde o espetáculo servia como cortina para negócios sujos.

- Vais dançar para eles.

Disse Yakov, enquanto a conduzia por corredores escuros.

- Mas não faças contacto visual com ninguém, exceto com Dimitri. É ele que está a proteger-te.

Ela assentiu em silêncio. O vestido escolhido era branco. Simples. Delicado.